

Agricultura de mínimos e de máximos

Jornal Valor Econômico – 01/08/2007

O sociólogo José de Souza Martins analisou a sociedade agrária tradicional no seu livro "Capitalismo e Tradicionalismo", caracterizando-a como sendo de mínimos vitais. Ou seja, como organização voltada para as relações sociais internas, liga-se ao mercado apenas a partir do eventual excedente gerado. Tal característica confere estabilidade à agricultura tradicional frente às crises típicas da produção em larga escala. A visão de Martins se baseia na análise institucional das relações de produção tradicionais que se rompem em função da especialização e da padronização na produção em larga escala.

Nas sociedades tradicionais as transações são feitas com base em relações pessoais de alto poder coordenador, mas limitadas ao grupo social pequeno.

Em contraste com a agricultura tradicional, as relações de produção modernas dependem de transações impessoais que demandam regras institucionais para realizar contratos entre agentes que não mantêm laços de relacionamento.

O debate sobre a produção com base familiar e industrial ainda persiste. Muitos abominam o "agronegócio" por representar um arranjo impessoal em bases industriais. Em oposição estaria a agricultura familiar embasada em relacionamentos pessoais e com estrutura minimalista do uso dos recursos, portanto, isolada das oscilações do mercado.

Considero que as relações de produção na agricultura contemporânea ficaram mais complexas e menos maniqueístas. A produção familiar é governada por meio de relações institucionalizadas, e as corporações que operam em escala industrial dependem de relações sociais para coordenar a produção. Não é mais possível abominar indiscriminadamente o agronegócio, nem acreditar na pequena agricultura como sendo necessariamente engajada com compromissos sócio-ambientais equilibrados.

Formas de produção com base industrial são sujeitas a oscilações, por não serem minimalistas e por terem perdido os mecanismos sociais para lidar com crises

Abundam exemplos de relações tradicionais que depreciam o meio ambiente bem como exemplos de agricultura e pecuária comerciais organizadas com preservação dos valores sociais da pequena produção, a ela atrelada por via contratual como mostram os contratos de fomento florestal, de cana e de produção leiteira com assentados de reforma agrária.

Há exemplos de estruturas agroindustriais que primam pela organização sócio-ambiental equilibrada, como nos mostra o projeto da "Sustainable

Agriculture Initiative" mantido por grandes corporações. Certamente vivenciamos um mundo mais complexo do que outrora.

O mundo do agro mudou, entretanto persiste a questão levantada por Martins. As formas de produção com base industrial são sujeitas a oscilações, por não serem minimalistas e por terem perdido os mecanismos sociais para lidar com crises. As complexas formas contratuais observadas na agricultura atual envolvem muitos agentes, demandam tecnologias de ponta, dependem de crédito e de recursos nem sempre abundantes.

A agricultura brasileira ainda vive de ciclos, desta feita o da bioenergia. A ampliação da área cultivada associada a contratos e mecanismos de mútua dependência nos motiva a indagar a respeito de quais instituições que deveremos aprimorar, e quais os avanços organizacionais necessários, que gerem estabilidade para planejar e produzir em um mundo de larga escala e relações impessoais. Não vemos um tratamento consistente dessa questão no presente momento, caracterizado pela euforia da explosão do mercado de bioenergia.

Se a sociedade tradicional se baseia em mínimos vitais, a sociedade agroindustrial deve buscar se estruturar para lidar com máximos vitais. A motivação para a geração do excedente e a ligação com mercados estruturados pautam o uso das tecnologias e a relação de longo prazo entre agentes que realizam contratos sem se conhecer.

Os novos projetos bioenergéticos serão baseados em contratos de utilização de commodities tradicionais, como a cana ou a soja e poderão incluir a agricultura familiar pela via contratual. Nos dois casos estaremos em um universo que demanda necessária evolução institucional que substitua as relações pessoais de produção, por relações estruturadas capazes de lidar com crises.

Na agricultura tradicional os conflitos se resolviam nos bairros ao sabor de uma moda de viola, tema, aliás, bem explorado pelo Professor Martins. Serão necessários mecanismos institucionais para organizar a produção na escala necessária. O pequeno não é necessariamente maravilhoso e a grande exploração pode ser ambientalmente equilibrada. Parece que se quebraram os paradigmas.

Décio Zylbersztajn é professor-titular da Universidade de São Paulo.

Matheus Kfourir Marino é doutor em Administração e Sócio Diretor da Uni.Business Estratégia.